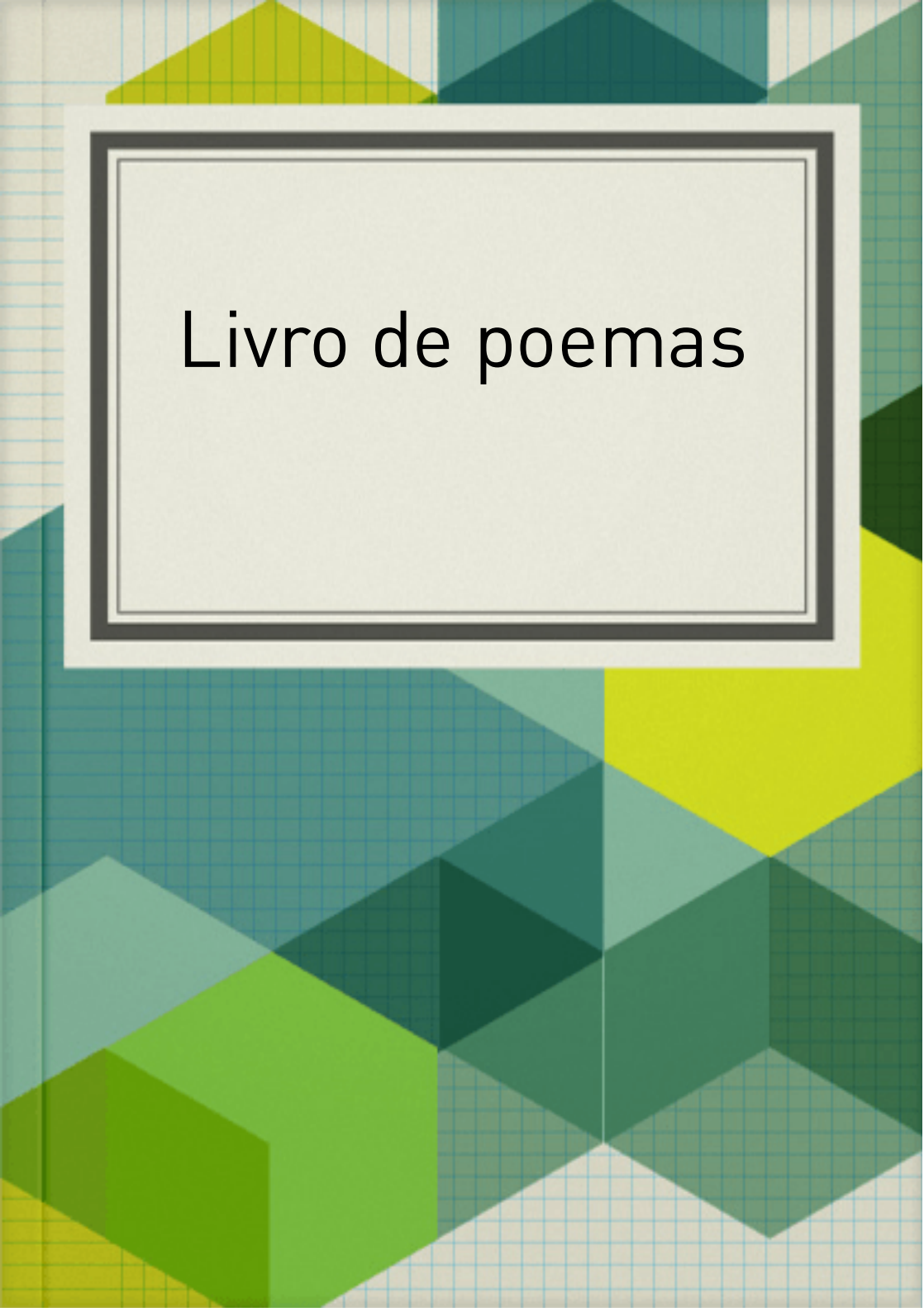


The book cover features a complex geometric design. The background is composed of various shades of green and yellow, with some areas having a fine grid pattern. Large, overlapping geometric shapes, including triangles and hexagons, are scattered across the cover. A central white rectangular box with a double border (a thin grey line and a thicker dark grey line) contains the title text.

Livro de poemas

Quinhentismo

Jesus na manjedoura

“ - Que fazeis, menino Deus, Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado. - Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza, Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. - Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino, Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu, Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado.” (Padre José de Anchieta)

Barroco

À cidade da Bahia

“A cada canto um grande conselheiro. que nos quer governar cabana, e vinha, não sabem governar sua cozinha, e podem governar o mundo inteiro. Em cada porta um freqüentado olheiro, que a vida do vizinho, e da vizinha pesquisa, escuta, espreita, e esquadrinha, para a levar à Praça, e ao Terreiro. Muitos mulatos desavergonhados, trazidos pelos pés os homens nobres, posta nas palmas toda a picardia. Estupendas usuras nos mercados, todos, os que não furtam, muito pobres, e eis aqui a cidade da Bahia.”

(Gregório de Matos)

Arcadismo

Marília de Dirceu

“Eu, Marília, não sou algum vaqueiro, que viva de guardar alheio gado, de tosco trato, de expressões grosseiro, dos frios gelos e dos sóis queimado. Tenho próprio casal e nele assisto; dá-me vinho, legume, fruta, azeite; das brancas ovelhinhas tiro o leite e mais as finas lãs, de que me visto. Graças, Marília bela, graças à minha estrela! Eu vi o meu semblante numa fonte: dos anos inda não está cortado; os pastores que habitam este monte respeitam o poder do meu cajado. Com tal destreza toco a sanfoninha, que inveja até me tem o próprio Alceste: ao som dela concerto a voz celeste, nem canto letra que não seja minha. Graças, Marília bela, graças à minha estrela!
“

(Tomás António Gonzaga)

Romantismo

Anjos do Céu

“As ondas são anjos que dormem no mar, Que tremem, palpitam, banhados de luz... São anjos que dormem, a rir e sonhar E em leito d’escuma revolvem-se nus! E quando de noite vem pálida a lua Seus raios incertos tremer, pratear, E a trança luzente da nuvem flutua, As ondas são anjos que dormem no mar! Que dormem, que sonham- e o vento dos céus Vem tépido à noite nos seios beijar! São meigos anjinhos, são filhos de Deus, Que ao fresco se embalam do seio do mar! E quando nas águas os ventos suspiram, São puros fervores de ventos e mar: São beijos que queimam... e as noites deliram, E os pobres anjinhos estão a chorar! Ai! quando tu sentes dos mares na flor Os ventos e vagas gemer, palpitar, Por que não consentes, num beijo de amor Que eu diga-te os sonhos dos anjos do mar?.” (Álvares de Azevedo)

Realismo

Memórias póstumas de Brás Cubas

“Talvez espante ao leitor a franqueza com que lhe exponho e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os trapos velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, a força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa e a hipocrisia, que é um vício hediondo.

Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lantejoulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados. “

(Machado de Assis)

Naturalismo

Amor

“Amemos! Quero de amor Viver no teu coração!
Sofrer e amar essa dor Que desmaia de paixão! Na
tu'alma, em teus encantos E na tua palidez E nos teus
ardentes prantos Suspirar de languidez! Quero em
teus lábio beber Os teus amores do céu, Quero em teu
seio morrer No enlevo do seio teu! Quero viver
d'esperança, Quero tremer e sentir! Na tua cheirosa
trança Quero sonhar e dormir! Vem, anjo, minha
donzela, Minha'alma, meu coração! Que noite, que
noite bela! Como é doce a viração! E entre os suspiros
do vento Da noite ao mole frescor, Quero viver um
momento, Morrer contigo de amor!”

(Aloísio de Azevedo)

Parnasianismo

Deixa o olhar do mundo

“Deixa que o olhar do mundo enfim devesse Teu grande amor que é teu maior segredo! Que terias perdido, se, mais cedo, Todo o afeto que sentes se mostrasse? Basta de enganos! Mostra-me sem medo Aos homens, afrontando-os face a face: Quero que os homens todos, quando eu passe, Invejosos, apontem-me com o dedo. Olha: não posso mais! Ando tão cheio Deste amor, que minh´alma se consome De te exaltar aos olhos do universo... Ouço em tudo teu nome, em tudo o leio: E, fatigado de calar teu nome, Quase o revelo no final de um verso.”

(Olavo Bilac)

Simbolismo

Alma solitária

“Ó Alma doce e triste e palpitante! que cítaras
soluçam solitárias pelas Regiões longínquas,
visionárias do teu Sonho secreto e fascinante!
Quantas zonas de luz purificante, quantos silêncios,
quantas sombras várias de esferas imortais,
imaginárias, falam contigo, ó Alma cativante! que
chama acende os teus faróis noturnos e veste os teus
mistérios taciturnos dos esplendores do arco de
aliança? Por que és assim, melancolicamente, como
um arcanjo infante, adolescente, esquecido nos vales
da Esperança?!”

(Cruz e Souza)

Pré-modernismo

VERSOS ÍNTIMOS

"Vês?! Ninguém assistiu ao formidável Enterro de tua última quimera. Somente a Ingratidão — esta pantera — Foi tua companheira inseparável! Acostuma-te à lama que te espera! O Homem, que, nesta terra miserável, Mora, entre feras, sente inevitável Necessidade de também ser fera. Toma um fósforo. Acende teu cigarro! O beijo, amigo, é a véspera do escarro, A mão que afaga é a mesma que apedreja. Se a alguém causa inda pena a tua chaga, Apedreja essa mão vil que te afaga, Escarra nessa boca que te beija!"
(Augusto dos Anjos)

Modernismo

ARTE DE AMAR

“Se queres sentir a felicidade de amar, esquece a tua alma. A alma é que estraga o amor. Só em Deus ela pode encontrar satisfação. Não noutra alma. Só em Deus - ou fora do mundo. As almas são incomunicáveis. Deixa o teu corpo entender-se com outro corpo. Porque os corpos se entendem, mas as almas não.”

(Manuel Bandeira)

Pós-modernismo

Aninha e Suas Pedras

“Não te deixes destruir... Ajuntando novas pedras e construindo novos poemas. Recria tua vida, sempre, sempre. Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça. Faz de tua vida mesquinha um poema. E viverás no coração dos jovens e na memória das gerações que hão de vir. Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua parte. Vem a estas páginas e não entraves seu uso aos que têm sede.”

(Cora Carolina)